

Antero de Quental

**BOM
SENSO
E BOM GOSTO**

CARTA AO EXCELENTÍSSIMO
SENHOR ANTÓNIO FELICIANO
DE CASTILHO



INTRODUÇÃO DE
ANA MARIA ALMEIDA MARTINS

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

© 2021, Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E. 10
1750-149 Lisboa
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Bom Senso e Bom Gosto*
Autor: Antero de Quental
Introdução: Ana Maria Almeida Martins
Revisão: Tinta-da-china
Capa e Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2021

ISBN 978-972-671-647-9
Depósito Legal n.º 489770/21

ÍNDICE

Introdução

9

Bom Senso e Bom Gosto

29

A Dignidade das Letras e
as Literaturas Oficiais

49

APÊNDICE

Provas Tiradas
das Principais Obras
do sr. A. F. de Castilho

77

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que é por vezes referido, não foi a inesperada marca poética das *Odes Modernas*, de Antero de Quental, publicadas em Julho de 1865¹ que desencadeou a nossa ainda hoje maior polémica literária — *A Questão Coimbrã* ou do *Bom Senso e Bom Gosto*.

O livro poderia bem ter passado despercebido ou apenas notado por escasso número de leitores e logo rotulado de obscuro, perigoso ou até mesmo digno de troça, e tudo ficaria por aí.

Mas alguém entendeu aquele ameaçador conteúdo — António Feliciano de Castilho —, que, num hiperbólico aplauso sob a forma de um longo posfácio a *Poema da Mocidade*, de Manuel Pinheiro Chagas, editado em Setembro desse ano², decidiu repor a «ordem» posta em causa e, principalmente, o seu auto-atribuído título de imperador do reino das literaturas. Num acabado exemplo de ultra-romantismo piegas, em tom arrogante, grotesco e intencionalmente acintoso, pressentindo o perigo não só para a sua chefia mas para os seus discípulos e afilhados (a «escola do elogio mútuo», dirá Antero), procurou combater e vencer aquela, para ele, espécie de levantamento, ridicularizando as *Odes Modernas* e também

as *Tempestades Sonoras*, de Teófilo Braga, volume publicado no início de 1864³. E escrevia a dado passo: «Quem me dera ver ainda em minha vida este nascente comércio de tão múltiplas vantagens vingado ao maior ponto de substância e dilatação: [...] Pois não sei de maior lástima do que ver assim enfermidades, e prever mortas para dentro em pouco, almas das mais bem-nascidas, e que podiam gozar-se de uma eternidade», e o enfadonho e quase incompreensível estilo ia fazendo o seu caminho até se concentrar, raivoso, em «Braga e Quental, de quem, pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será deles afinal». E a concluir o posfácio, sentenciava em jeito de desafio: «O que pensava e sentia expendi-o; lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer».

Mas a correspondência conhecida que enviou a amigos, com destaque para Camilo Castelo Branco, desmente em absoluto esse propósito, ao lermos primores como: «os dois fadistas de Coimbra», «os dois bácoros que chafurdam por Coimbra», «Teófilos Bragantes e Quintais imundos»⁴.

Aconteceu também que a classe política escondida, mal, por detrás dos venerandos literatos lisboetas (Pinheiro Chagas chegará a ministro da Marinha) se assustou com a possível desestabilização por parte dos universitários que, começando, acaso, pelas literaturas, acabasse por atingir a sociedade no seu conjunto, atemorizando-a na lusa pasmaceira então vigen-

te e bem protegida. Era mais cómodo e mais seguro escutar «versos ao triste cipreste», «à terna saudade», «quadras ao cemitério», ou «à cruz do ermo», do que estrofes «À História», «Aos Miseráveis», «Versos escritos à margem de um Missal», «Sombra», ou incentivos à Polónia e à Irlanda em luta contra os seus opressores.

«Ó da guarda», portanto, e a «guarda» compareceu mas, sem o suspeitar, já com a credibilidade fora de prazo. Por isso nos numerosos artigos, opúsculos, até livros, uns contra (a maioria), outros a favor da chamada «Escola de Coimbra», que a futura polémica irá congrega, a poesia, a prosa, ou outras matérias culturais, aparentemente em confronto, nem sempre constituem a principal motivação dos intervenientes, mais empenhados, porventura, na defesa das suas opções políticas e em campanhas de insultos gratuitos.

Nas *Odes Modernas*, de 1865, mas já concluídas em 1863, nos 21 anos do seu autor, Antero apresenta-se-nos como o decisivo inovador da poesia portuguesa, o que aliás se confirma pela leitura da NOTA-Remate intitulada «A missão revolucionária da poesia», autêntico manifesto homicida da poesia ultra-romântica e seus sequazes.

Para Eduardo Lourenço, «o legado de Antero está todo no corte, na ruptura com o mundo dito literário que encontrou e combateu. E essa novidade consiste na introdução da política no domínio das musas»⁵.

Cabe a João de Deus, no artigo «*Os Lusíadas* e a Conversação Preambular», do jornal *O Bejense*, de 7 de Setembro de 1863, a glória de ter sido o primeiro

escritor português a desacreditar, com extrema ironia e falsa gentileza, o tão aclamado e endeusado «chefe» das letras pátrias que acabava de antepor o *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro, aos *Lusíadas*⁶.

«Se não fosse a boa fé com que o Sr. António Feliciano de Castilho se costuma exceder a todas as demasias de benevolência, quando se trata de afervorar alguém na cultura das Letras, visto não poder duvidar da sua inteligência, duvida-se da sua sinceridade e comparar os *Lusíadas* com o *D. Jaime* e que em todos os pontos de comparação é o *D. Jaime* que fica de melhor partido, custa a acreditar».

Antero, que já em 1861, prestes a completar 19 anos, se insurgira contra «os que se arrogam o direito de legislar para o mundo da inteligência e da inspiração», ao escrever no jornal de Coimbra *O Fósforo*, de Abril/Maio, «A propósito de um poeta»⁷, artigo entusiástico sobre João de Deus, então praticamente um desconhecido, responde ao posfácio de Castilho com o violentíssimo folheto *Bom Senso e Bom Gosto — Carta ao ex.^{mo} Senhor António Feliciano de Castilho*, datado, simbolicamente, tudo leva a crer, de 2 de Novembro de 1865⁸.

«Acabo de ler um escrito de v. ex.^a, onde, a propósito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se fala com áspera censura da chamada escola literária de Coimbra [...] Quem move estes ridículos combates de frases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontífices; é o espírito de rotina violentamente incomodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer

dormir sossegada no seu leito de ninharias. [...] A escola de Coimbra cometeu efectivamente alguma coisa pior de que um crime — cometeu uma grande falta: *quis inovar* [...] Os versos de v. ex.^a não têm ideal — mas começam por letra pequena. As suas críticas não têm ideias — mas têm palavras quantas bastem para um dicionário de sinónimos [...] Mas, exmo sr., será possível viver sem ideias? Esta é que é a grande questão [...]» E a concluir: «Paro aqui, exmo sr. Muito tinha eu ainda que dizer; mas temo, no ardor do discurso, faltar ao respeito a v. exa, aos seus cabelos brancos. Cuido mesmo que já me escapou uma ou outra frase não tão reverente e tão lisonjeira como eu desejara. Mas é que realmente não sei como hei-de dizer, sem parecer ensinar, certas coisas elementares a um homem de sessenta anos; dizê-las eu com os meus vinte e cinco! [...] A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança». E lamentava, «do fundo da alma, não se poder confessar, como desejava, de v. ex.^a, nem admirador nem respeitador».

Com este folheto Antero presta o favor dos favores ao seu antigo professor primário, em Ponta Delgada e em Lisboa, no Colégio do Pórtico, salvando-o de um merecido esquecimento, ao permitir-lhe o nome estampado, pelos piores motivos, embora, na capa de uma das obras fundamentais da nossa modernidade.

Muitos anos passados, em Maio de 1887, na carta dita autobiográfica ao seu tradutor alemão, Wilhelm Storck, Antero recorda e define com o distanciamento possível as *Odes Modernas* e, bem assim, toda a